

DO AÇÚCAR À “DIVINA” CACHAÇA NO ENGENHO MONJOPE EM PERNAMBUCO.

Vera Lúcia Menelau de Mesquita

A história do Brasil, desde os primeiros séculos da ocupação portuguesa até hoje, está intrinsecamente ligada ao ciclo do açúcar e da cachaça, embora esse segundo produto, não tenha recebido os seus créditos de contribuição à economia brasileira (ANDRADE, 2001, p.14; CASCUDO, 1956, p. 14; MELLO, 1998, p. 386; MELLO, 2003, p. 18). Até meados do século XIX o engenho tradicional com sua moenda movida à água ou animais foi responsável pela produção desses dois produtos, provenientes da cana-de-açúcar (GAMA, 1983, p.244; SAIA, 1972, p. 42; SILVA, 1990, p. 120; KOSTER, 1978, p. 344). Os engenhos centrais e posteriormente as usinas, levaram os engenhos tradicionais ao papel de simples fornecedores de cana.

Em busca também do equilíbrio da sua economia, o proprietário do Engenho Monjope (Figura 01 e 02) troca a fabricação do açúcar pela fabricação da cachaça, dando-lhe uma sobrevida até 1960, que a maioria dos engenhos não alcançou nos termos de uma continuação fabril tão apropriada a sua origem. Monjope representa um desses sítios históricos cuja documentação textual, até o momento conhecida, apresenta grandes lacunas no que concerne aos fatos históricos e as mudanças da estrutura física, ao longo de sua existência que começou no século XVII (LEITE, 1945, p.423). Essa escassez de dados disponíveis deixava em aberto à questão de como se deu a ocupação física inicial, a adaptação ao crescimento produtivo ou a novas tecnologias e principalmente em relação à produção exclusiva da cachaça.



FIGURA 01: Vista aérea do Engenho Monjope.

O objetivo dessa pesquisa, na dissertação para o mestrado em arqueologia, foi de procurar evidenciar a organização espacial da fábrica do Engenho Monjope, procurando compreender o processo de assentamento, levando em consideração um modelo de múltiplas variáveis que são: o ambiente, a economia, a sociedade, a política, a cultura e, também, identificar os aspectos da memória social rural.

A abordagem metodológica utilizada foi a Arqueologia Histórica, que é o estudo arqueológico dos aspectos materiais (OSER, 1992, p. 23). A Arqueologia Histórica utiliza-se de variadas fontes de informações como os artefatos, as estruturas, a arquitetura, a história, as informações orais, imagens e mapas, dentro de sua pesquisa e estuda os artefatos e as estruturas encontradas, que não podem ser removidas do sítio, dentro do seu contexto. Cada área de conhecimento possui o seu uso específico dentro do conjunto interdisciplinar. Mas é preciso deixar claro, que este conjunto de

várias disciplinas utilizadas pela Arqueologia Histórica, deve ser trabalhado partilhando um tema de estudo, através de um procedimento geral e comum dentro das necessidades básicas da pesquisa.



FIGURA 02: Planta de localização do Engenho Monjope.

Fonte: Adaptado da planta da FUNDARPE.

Foi a arqueologia que possibilitou a recuperação de maiores detalhes sobre o problema estudado. A escavação segundo Paul Bahn (1998, p. 94), é o método mais importante do trabalho de campo porque proporciona a evidência mais confiável dos tipos de informações que são os vestígios das atividades humanas em um período determinado do passado.

A presente investigação demonstrou que para a produção industrial da cachaça e a sua comercialização em grande escala, a fábrica do Engenho Monjope sofreu modificações físicas, e necessárias para que atendesse a nova tecnologia. Ficaram evidentes também algumas intervenções anteriores e posteriores ao período da fabricação da cachaça (Figuras 03 e 04).

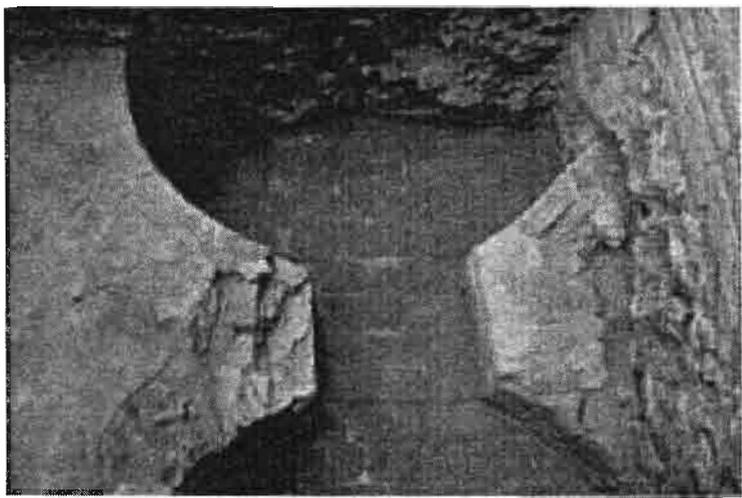


FIGURA 03: Estruturas de apoio das tachas de cozimento do açúcar.

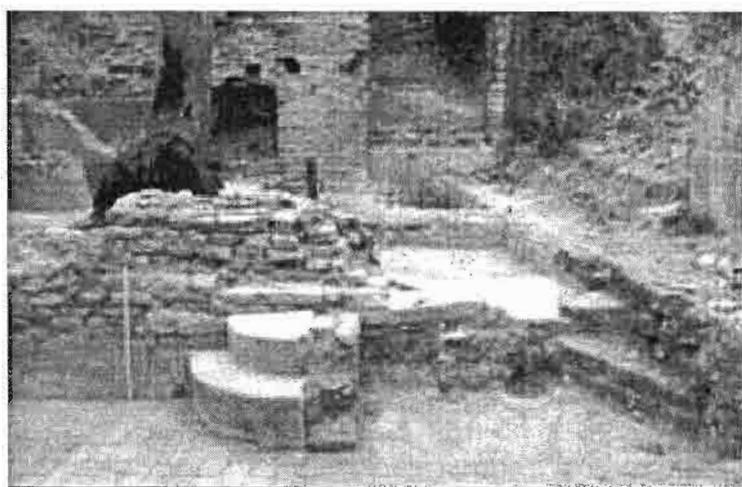


FIGURA 04: Área da fabricação da cachaça.
Fonte: NEA/UFPE.

Esta pesquisa proporcionou a inter-relação da arquitetura com o estudo sobre Pernambuco colonial, e o que representou para a história deste Estado, um documento deixado como herança de uma fase importante do seu desenvolvimento. O levantamento dos materiais e das formas arquitetônicas como uma “estrutura de arranjo” que sobreviveu no Estado por mais de quatro séculos. A disposição dos edifícios no terreno, os desníveis de altura na construção edificada e suas técnicas empregadas durante o Brasil colonial são provas de constantes interligações entre estes estudos. A fabricação da cachaça e toda a sua influência histórica ligam-se, a uma vasta literatura sobre os edifícios e as construções de casas com técnicas até hoje usadas na área de pobreza.

Vera Lúcia Menelau de Mesquita

Rua Sueli Luna Menelau, nº 108, Imbiribeira, Recife – PE
vmenelau@globocom

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia de. Histórias das usinas de Pernambuco. Recife: Editora Universitária, UFPE. 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia do Brasil Holandês. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1956.
- GAMA, Ruy. Engenho e Tecnologia. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 1983.
- KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Trad. de Luis Câmara Cascudo. 2. ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, Governo do Estado de Pernambuco, Departamento de Cultura, 1978.
- LEITE, Sefarim S. J. História da Companhia de Jesus no Brasil – Tomos I e V. Imprensa Nacional do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. 1945.
- MELLO, Evaldo Cabral de. A fronda dos mazombos: nobres contra os mascates, Pernambuco, 1666-1715. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- _____. Olinda Restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- OSER, Charles E, Jr. , Introdução à Arqueologia Histórica. Belo Horizonte: Oficina de Livros. 1992.
- RENFREW, Colin; Bahn, Paul. Arqueología: teorías, métodos y práctica. Madrid-España: Ediciones Akal, 1991.
- SAIA, Luís. Morada Paulista. São Paulo: Editora Perspectiva. 1972
- SILVA, Geraldo Gomes. Engenho e Arquitetura, morfologia dos edificios dos antigos engenhos de açúcar pernambucanos. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.